

CARTAS

■ JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER ■

SOBRE A CARIDADE NA TRANSMISSÃO DA FÉ

*Cré'cete ante los obita'cuel
gracia de Dios no se r
lter! Inter medium mo
transmibunz aqua — p
través de los montes!
¡Pue' i'importa que de
...cartar tu ac*

Josemaría Escrivá de Balaguer

Edição preparada por Luis Cano

**Sobre a caridade na
transmissão da fé**

Carta 4
(Volume de Cartas I)

© 2023 by Scriptor S.A.

© 2023 by Fundação Studium

ÍNDICE

Sobre esta edição

Principais ideias desta carta

Carta

Com todas as almas, em todos os ambientes. Semear paz e amor

Compreensão, unidade

Santa intransigência e santa transigência. Defesa da fé. Atitude com quem está enganado

Santa intransigência e virtudes cardeais

Obrigação de conviver. Não rejeitar ninguém

Distinção entre o erro e quem erra. Caridade com os que estão enganados

Dar-se com toda a gente. Saber ouvir. Amigos da liberdade

Conviver com todos. Amigos das pessoas, não dos seus erros.
Apostolado universal

Imitar Jesus Cristo. Diálogo de Deus com os homens

O exemplo dos primeiros cristãos

Relacionamento com quem está no erro. Conhecer as suas razões

Diálogo com quem não conhece a nossa religião e com quem se afastou da fé católica

Não ser contra ninguém. Compreensão com todos. Saber perdoar

Espírito universal

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Publica-se aqui uma carta de São Josemaria sobre a caridade na transmissão da fé que tem a data de 16 de julho de 1933 e expõe como deve ser o diálogo evangelizador com os homens e as mulheres que querem aproximar-se da fé da Igreja, combinando o espírito de compreensão e o respeito pela liberdade das consciências com a fidelidade ao depósito da fé, publicada com o nº 4, *Cartas I*, editado por *Ediciones Rialp* em 2020. São Josemaria não deu um título a estas cartas; o título que a Carta tem nesta edição é o que lhe foi dado pelos autores da edição crítica.

Este documento faz parte de um género literário particular de São Josemaria. Não é um tratado; o seu estilo assemelha-se mais a uma conversa familiar que o fundador tem com os membros do Opus Dei de todos os tempos. O tom é semelhante ao que usava nas suas tertúlias com as pessoas da Obra, nas quais lhes transmitia oralmente o espírito, a história e as tradições da Obra.

[**Voltar ao índice**](#)

PRINCIPAIS IDEIAS DESTA CARTA

A Carta, dirigida aos membros do Opus Dei, trata do «caminho que devemos seguir no nosso trabalho apostólico» (n. 1). Concretamente, expõe o que deve ser o diálogo evangelizador com os homens e as mulheres que desejam aproximar-se da fé da Igreja combinando um espírito de compreensão e respeito pela liberdade das consciências com a fidelidade ao depósito da fé. Ou, para usar expressões cunhadas por Escrivá, praticar a «santa transigência» com as pessoas e, ao mesmo tempo, a «santa intransigência» com o erro. O tema aparece já nos primeiros escritos de Escrivá, durante os anos 30, mas adquire especial relevância no contexto de 1966, ano em que este texto foi enviado aos membros do Opus Dei. Numa altura de crise teológica e disciplinar em alguns setores eclesiais, São Josemaria apela à tolerância para com as pessoas – para evitar todo o fanatismo ou rigidez integrista –, mas também à fortaleza e à clareza na exposição da doutrina. A Carta descreve o espírito com que a nova evangelização – para usar uma expressão atual – deve ser levada a cabo no meio de um mundo cada vez menos cristão. A mensagem de Escrivá é de otimismo, de amor a todas as pessoas – incluindo as que rejeitam Deus e a religião –, de compreensão e de convivência e, ao mesmo tempo, de grande clareza: a fé e a moral são intocáveis e não se podem rebaixar as suas exigências, pensando que os não crentes se sentirão mais atraídos por uma versão adocicada do cristianismo. O seu conteúdo pode estruturar-se em várias partes, embora as divisões não sejam totalmente claras. A primeira (n. 1-5) explica como se realiza o apostolado do Opus Dei no mundo, que é

de amizade e confiança com todos, cheio de compreensão, sem inimizade para com ninguém, procurando imitar Cristo. Em seguida, o autor explica em que consistem a «santa transigência» e a «santa intransigência» (n. 6-12). A fidelidade à Revelação reclama intransigência na doutrina e firmeza na verdade. Mas, ao mesmo tempo, essa firmeza exige o exercício de várias virtudes e o desejo de não rejeitar ninguém, de ser generoso na caridade e de abominar o fanatismo. Nos números seguintes (n. 13-15), desenvolve este último tema, insistindo na atitude de não rejeitar ninguém, de conviver com todos, respeitando e amando a liberdade de cada um, mesmo que esteja no erro; num apostolado que se estende a todas as criaturas. Fala depois do exemplo de Jesus Cristo, que todo o discípulo deve imitar, sendo *alter Christus*, outro Cristo; e comenta vários exemplos do Evangelho, nos quais se pode ver no Salvador a atitude que descreve nesta Carta (n. 16-18), e prossegue com outros exemplos do Novo Testamento (n. 19-21) na mesma linha. Conclui com o tema da compreensão e do diálogo com os que se afastaram, ignoram ou mesmo se opõem à religião católica (n. 22-26). O seu ensinamento é que devemos saber perdoar, ter um espírito universal, abrir «as portas das nossas casas a pessoas de todas as ideologias e de todas as condições sociais, sem qualquer distinção, com o coração e os braços prontos a acolher todos» (n. 25).

[Voltar ao índice](#)

CARTA

[Sobre a caridade na transmissão da fé; o seu **incipit** latino é «**Vos autem**», tem data de 16 de julho de 1933 e foi enviada em janeiro de 1966].

1 «*Vos autem dixi amicos, quia omnia quaecumque audivi a Patre meo, nota feci vobis*»¹; chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai. Aqui tendes, filhas e filhos da minha alma, umas palavras de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que nos indicam o caminho a seguir no nosso trabalho apostólico. Deus chamou-nos para levarmos a sua doutrina a todos os recantos do mundo, para abrirmos os *caminhos divinos da terra*, para darmos a conhecer Jesus Cristo a tantas inteligências que nada sabem d'Ele, e – querendo-nos na Sua Obra – deu-nos também um modo apostólico de trabalhar, que nos leva à compreensão, ao perdão, à delicada caridade para com todas as almas.

O nosso apostolado é um apostolado de amizade e de confiança. Queremos repetir sempre com o Espírito Santo: «*Ego cogito cogitationes pacis et non afflictionis*»², tenho pensamentos de paz e não de aflição, pensamentos que procuram a concórdia, que tentam conseguir um clima de caridade, indispensável para que a palavra de Deus se enraíze nos corações. «A caridade é o vínculo da fraternidade, o fundamento da paz, o que dá firmeza e permanência à unidade; é maior do que a fé e a esperança; está à frente do martírio e de todas as obras; permanecerá eternamente connosco no Reino dos Céus»³.

COM TODAS AS ALMAS, EM TODOS OS AMBIENTES. SEMEAR PAZ E AMOR

2 O Senhor quis para nós esse espírito, que é o seu. Não vedes o seu contínuo desejo de estar com a multidão? Não gostais de contemplar como não rejeita ninguém? Tem uma palavra para todos, abre os seus lábios amabilíssimos para falar a todos; e ensina-os, dá-lhes doutrina, traz-lhes novidades de alegria e de esperança, com esse facto maravilhoso, único, de um Deus que convive com os homens.

Umas vezes, fala-lhes da barca, estando eles sentados na margem; outras vezes ainda, no monte, para que toda a multidão ouça bem; outras vezes, no meio do ruído de uma festa, no sossego da casa, caminhando no meio dos campos semeados, sentado debaixo das oliveiras. Dirige-Se a cada um, de acordo com o que cada um pode compreender: dá exemplos de redes e de peixes, para a gente do mar; de sementes e de vinhas, para os que trabalham a terra; à dona de casa, falará da dracma perdida; à samaritana, a propósito da água que ela vai buscar ao poço de Jacob. Jesus acolhe todos, aceita os convites que Lhe fazem e – quando não o convidam – às vezes é Ele próprio quem Se faz convidado: «*Zachae, festinans descende, quia hodie in domo tua oportet me manere*»⁴; Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.

Cristo «quer que todos os homens sejam salvos»⁵, que ninguém se perca; e apressa-Se a dar a sua vida por todos, numa efusão de amor que é um holocausto perfeito. Jesus não quer convencer pela força; estando junto dos homens, entre os homens, leva-os suavemente a segui-lo, à procura da verdadeira paz e da autêntica alegria.

3 Nós, minhas filhas e meus filhos, devemos fazer o mesmo, porque somos impelidos por essa mesma caridade de Cristo: «*Caritas Christi urget nos*»⁶. Com a luz sempre nova da caridade, com um amor generoso a Deus e ao próximo, renovaremos, à vista do exemplo que nos deu o Mestre, o

nosso desejo de compreender, de desculpar, de não nos sentirmos inimigos de ninguém.

A nossa atitude perante as almas resume-se assim, com essa expressão do Apóstolo, que é quase um grito: «*Caritas mea cum omnibus vobis in Christo Iesu!*»⁷: o meu afeto para todos vós, em Cristo Jesus. Com a caridade, sereis semeadores de paz e de alegria no mundo, amando e defendendo a liberdade pessoal das almas, a liberdade que Cristo respeita e ganhou para nós⁸.

A Obra de Deus nasceu para difundir por todo o mundo a mensagem de amor e de paz que o Senhor nos legou; para convidar todos os homens a respeitar os direitos da pessoa. Assim quero que os meus filhos sejam formados; e é assim que vós sois.

À vossa unidade de vida deve corresponder uma magnanimidade espontânea, renovada cada dia, que deve estar patente e manifestar-se em todas as coisas, de modo que, como fiéis soldados de Cristo Jesus no mundo, saibais oferecer-vos em holocausto, dizendo verdadeiramente: «Com toda a sinceridade, com alegria, entreguei-me, Senhor, com tudo o que tenho»⁹.

COMPREENSÃO, UNIDADE

4 Esta será a vossa preparação para o apostolado contínuo que Jesus nos pede, tal como é contínuo o bater do coração. Meus filhos, o Senhor chamou-nos à sua Obra nuns tempos em que se fala muito de paz, mas não há paz: nem nas almas, nem nas instituições, nem na vida social, nem entre os povos. Fala-se continuamente de igualdade e de democracia, e há castas: fechadas, impenetráveis.

Chamou-nos num tempo em que se clama por compreensão, e a compreensão não se vive, às vezes nem mesmo entre as pessoas que agem de boa-fé e querem praticar a caridade, porque a caridade, mais do que em dar, está em compreender.

São tempos em que os fanáticos e as pessoas intransigentes, incapazes de admitir as razões dos outros, se acautelam, rotulando as suas vítimas de violentas e agressivas. Chamou-nos, enfim, numa altura em que se fala muito de unidade, e talvez seja difícil conceber que possa haver maior desunião, não só entre os homens em geral, mas entre os próprios católicos.

5 Nesta atmosfera e neste ambiente, nós temos de dar o exemplo, humilde e corajoso ao mesmo tempo, perseverante e confirmado com o trabalho, de uma vida cristã, íntegra, laboriosa, cheia de compreensão e de amor por todas as almas.

«*Exiit qui seminat seminare semen suum*»¹⁰, saiu o sementeiro a semear a sua semente, e isto é o que nos compete: semear, dar boa doutrina, participar em todos os afazeres e preocupações honestas da terra, para neles dar o bom exemplo dos seguidores de Cristo.

Ele, minhas filhas e meus filhos, «*coepit facere et docere*»¹¹, primeiro fez e depois ensinou, e é assim que quero que sejais: verdadeiramente santos, no meio da rua, na universidade, na oficina, em casa, com um chamamento particularíssimo do Senhor, que não é de meias-tintas, mas de *entrega total*.

Esta entrega, que há de ser, ao mesmo tempo, humilde e silenciosa, proporcionar-vos-á o conhecimento da grandeza, da ciência, da perfeição de Deus, e dar-vos-á também a conhecer a pequenez, a ignorância, a miséria que nós, homens, temos. Assim, aprendereis a compreender as fraquezas

alheias, vendo as vossas; a desculpar, amando, a querer dar-vos com todos, porque não pode haver pessoa alguma que nos seja estranha.

Meus filhos, o zelo pelas almas tem de nos levar a não nos sentirmos inimigos de ninguém, a ter um coração grande, universal, católico; a voar como as águias, nas asas do amor de Deus, sem nos fecharmos no galinheiro de quezílias ou de fações mesquinhas, que tantas vezes esterilizam a ação dos que querem trabalhar para Cristo.

É tal o zelo – numa palavra – que devemos ter, que nos levará a compreender que «*in Christo enim Iesu neque circumcisio aliquid valet neque praeputium, sed nova creatura*»¹², que – ante a possibilidade de fazer o bem – são as almas que realmente contam.

SANTA INTRANSIGÊNCIA E SANTA TRANSIGÊNCIA. DEFESA DA FÉ. ATITUDE COM QUEM ESTÁ ENGANADO

6 Não ignoro as dificuldades que podereis encontrar. É verdade – faço-o notar sempre – que, neste mundo do qual sois e no qual permaneceis, há muitas coisas boas, efeitos da inefável bondade de Deus. Mas os homens também semearam joio, como na parábola evangélica, propagaram falsas doutrinas que envenenam as inteligências e as fazem revoltar-se, por vezes raivosamente, contra Cristo e contra a sua Santa Igreja.

Perante essa realidade, qual deve ser a atitude de um filho de Deus na sua Obra? Será, porventura, pedir ao Senhor, como os filhos do trovão, que faça descer fogo sobre a terra e consuma os pecadores?¹³. Será talvez lamentar-se continuamente, como ave de mau agouro ou profeta da desgraça?

Sabeis bem, minhas filhas e meus filhos, que não é essa a nossa atitude, porque o espírito do Senhor é outro: «*Filius hominis non venit animas*

perdere, sed salvare»¹⁴, e costume traduzir esta frase dizendo-vos que devemos afogar o mal em abundância de bem. A nossa primeira obrigação é dar doutrina, amando as almas.

A regra para pôr em prática este espírito também a conheceis: a *santa intransigência* com os erros, e *santa transigência* para quem está no erro. Deveis, porém, ensinar muitas pessoas a praticar esta doutrina, pois não é difícil encontrar algumas que confundem a intransigência com a intemperança, e a transigência com a renúncia a direitos ou verdades que não se podem negociar.

Nós, cristãos, não possuímos – como se fosse algo humano ou um património pessoal, do qual cada um dispõe a seu bel-prazer – as verdades que Jesus Cristo nos legou e que a Igreja protege. É Deus quem as possui, é a Igreja quem as guarda, e não está nas nossas mãos ceder, cortar, transigir no que não é nosso.

7 Mas essa não é a razão fundamental da santa intransigência. O que pertence ao depósito da Revelação, o que – confiando nós em Deus, que não Se engana nem nos engana – conhecemos como verdade católica, não pode ser objeto de compromisso simplesmente porque é a verdade, e a verdade não tem meio-termo.

Alguma vez pensastes no que aconteceria se, à força de querer *transigir*, se fizessem na nossa santa fé católica todas as mudanças que as pessoas pedissem? Talvez se chegasse a algo em que todos estivessem de acordo, a uma espécie de religião caracterizada apenas por uma vaga inclinação do coração, por um sentimentalismo estéril, que certamente, com um pouco de boa vontade, se pode encontrar em qualquer aspiração ao sobrenatural; mas essa doutrina não seria a doutrina de Cristo, já não seria um tesouro de

verdades divinas, mas algo humano, que nem salva nem redime; um sal que se teria tornado insípido.

A essa catástrofe conduziria a loucura de ceder nos princípios, a ânsia de diminuir as diferenças doutrinárias, as concessões no que pertence ao depósito intocável, que Jesus entregou à sua Igreja. A verdade é uma só, meus filhos, e, embora nos assuntos humanos seja difícil saber qual é o lado que está certo, nas coisas de fé não é assim.

Pela graça de Deus, que nos fez nascer para a sua Igreja pelo batismo, sabemos que não há mais do que uma religião verdadeira, e nesse ponto não cedemos, aí somos intransigentes, *santamente intransigentes*. Haverá alguém com bom senso – costumo dizer-vos – que ceda num ponto tão simples como a soma de dois mais dois? Poderá conceder que dois mais dois são três e meio? A transigência na doutrina de fé é sinal certo de não ter a verdade, ou de não saber que se tem.

8 Não vos deixeis enganar, por outro lado, quando, não se tratando do conjunto da nossa religião, tentarem fazer-vos *transigir* em algum aspeto referente à fé ou à moral. As várias partes que compõem uma doutrina – tanto a teoria quanto a prática – costumam estar intimamente ligadas, unidas e dependentes umas das outras, em tanta maior proporção, quanto mais vivo e autêntico for o conjunto.

Só o que é artificial pode desagregar-se sem prejuízo do todo – que talvez sempre tenha carecido de vitalidade – e só o que é produto humano carece habitualmente de unidade. A nossa fé é divina, é una – como Uno é Deus – e, como consequência, ou se defendem todos os seus pontos com firme coerência, ou se renunciará, mais cedo ou mais tarde, a professá-la: pois é certo que, uma vez aberta uma brecha na cidade, toda ela fica em perigo de se render.

Defendereis, pois, o que a Igreja indica, porque é a única Mestra nestas verdades divinas; e defendê-lo-eis com o exemplo, com a palavra, com os vossos escritos, com todos os meios nobres que estiverem ao vosso alcance.

Ao mesmo tempo, movidos pelo amor à liberdade de todos, sabereis respeitar o ponto de vista dos outros naquilo que é opinável ou questão de escola, porque nessas matérias – como em todas as outras matérias temporais – a Obra nunca terá uma opinião coletiva, a não ser a que a Igreja imponha, em virtude da sua potestade, a todos os fiéis.

Por outro lado, junto com a *santa intransigência*, o espírito da Obra de Deus exige de vós uma constante *transigência*, também santa. A fidelidade à verdade, a coerência doutrinal, a defesa da fé não significam um espírito triste, nem devem estar animadas por um desejo de aniquilar quem está equivocado.

Talvez seja essa a maneira de ser de alguns, mas não pode ser a nossa. Nunca *abençoaremos* como aquele pobre louco que – aplicando à sua maneira as palavras da Escritura – desejava sobre os seus inimigos «*ignis, et sulphur, et spiritus procellarum*»¹⁵; fogo, enxofre e ventos tempestuosos.

Não queremos a destruição de ninguém; a santa intransigência não é intransigência sem mais, obstinada e desabrida; nem é *santa* se não for acompanhada da santa transigência. Digo-vos mais: nenhuma das duas é santa se não pressupuser – juntamente com as virtudes teologais – a prática das quatro virtudes cardeais.

SANTA INTRANSIGÊNCIA E VIRTUDES CARDEAIS

9 Antes de mais, a prudência, para saber agir de acordo com a verdadeira caridade, evitando que um zelo mal compreendido ponha em

perigo a santidade da vossa intransigência. Deveis ser como uma maça de aço, poderosa e firme, mas envolvida num forro almofadado, para não ferir.

A boa caridade, o afeto que a prudência vos fará praticar, levar-vos-á a dizer as coisas com discernimento, quando for oportuno e do modo preciso; tornar-vos-á sensíveis às necessidades e às circunstâncias do próximo, sem cair em cedências inoportunas, ao mesmo tempo que confirmará a vossa fé, dará ânimo à vossa esperança, levar-vos-á a dar graças a Deus por vos ter conservado na plenitude da sua verdade.

Justiça, para tratar cada um como merece, sem generalizações nem simplificações superficiais, que tanto mal fazem e tantos obstáculos levantam ao bom entendimento entre os homens. Nunca esqueçais, filhos, que não se pode ser justo se não se conhecem bem os factos, se não se ouvem os sinos de um lado e do outro, se não se sabe, em cada caso, quem é o sineiro.

«*Fortes in fide*»¹⁶, para defender virilmente a fé, para resistir e ensinar a resistir à tentação fácil das novidades, de querer difundir ou dar como dogma o que são apenas teorias de especialistas. É bom procurar progredir no conhecimento e na exposição da fé e da moral, aceitando sempre o magistério eclesiástico; mas não se pode ser tão irresponsável a ponto de dar livre curso a qualquer ideia ou de difundir o que é apenas uma hipótese de trabalho, talvez muito provisória e sem fundamento.

Há alguns, minhas filhas e meus filhos, que, depois de terem posto em circulação opiniões estranhas e confusas, recorrem ao expediente ingénuo da criança gluttona para se eximirem da sua responsabilidade: a criança gulosa come o frasco de compota até ao fim, e depois defende-se dizendo que não sabia que tanto doce podia fazer mal. O que é necessário dar ao povo cristão, antes de mais nada, é a doutrina segura, clara, sem discussões.

Não se trata, porém, de criar uma religião para ignorantes, mas de ser realista e aperceber-se de que os conhecimentos das pessoas estão muitas vezes ao nível daquele a quem perguntaram: «O que é que sabe sobre Santo Isidoro de Sevilha? E respondeu: Santo Isidoro? Ah, sim, esse foi o fundador da Giralda».

A virtude da temperança levar-vos-á a não ser nunca exagerados, a não vos deixardes levar pela ira, a não cair no fanatismo. Um filho de Deus na sua Obra não pode seguir o exemplo daqueles que aconselham a bater na cabeça do adversário *para que ele deixe de coxear*.

OBRIGAÇÃO DE CONVIVER. NÃO REJEITAR NINGUÉM

10 Como estais a ver, filhas e filhos queridíssimos, a prática harmoniosa da santa transigência e da santa intransigência é ao mesmo tempo fácil e difícil: fácil, porque a caridade de Cristo nos impele e a sua graça nos ajuda; difícil, porque temos contra nós as más inclinações da nossa miséria pessoal, e é preciso ter em conta muitos fatores, para não resolvermos os problemas falsa e apressadamente.

Segundo me disseram, há no coro de Santo Toríbio de Liébana, umas mísulas que parecem sustentar as nervuras das abóbadas; alguns de vós já as tereis visto. Uma das mísulas tem a forma de uma cabeça de cão, e a do lado oposto, a de uma cabeça de gato. A explicação comum é que o gato significa o homem velho, que todos trazemos dentro; e o cão alude ao homem novo que Cristo fez nascer com a sua redenção. Mas às vezes penso que essas mísulas podem ser também um símbolo da relação entre os homens: nações, credos religiosos, raças, pessoas que vivem *como o cão e o gato*, sempre em luta, mas que são obrigados a conviver, suportando o peso da abóbada, a paz e a tranquilidade do mundo.

Não esqueçais que, se há coisas que dividem, também há sempre coisas que unem, que podem facilitar o trato respeitoso, amistoso, leal; e coisas que nós, filhos de Deus na sua verdadeira Igreja devemos saber aproveitar-nos disso e pôr em destaque, para atrair assim para a luz «*iis qui ignorant et errant*»¹⁷, os que não conhecem a verdade e estão no erro.

Nunca me agradou totalmente o exemplo que algumas pessoas usam para descrever a conduta de um cristão: as maçãs boas, que apodrecem quando se coloca fruta podre no cesto onde elas se encontram. Nós, meus filhos, não temos de ter medo de conviver com aqueles que não possuem ou não vivem a doutrina de Jesus Cristo.

Com as devidas precauções, não devemos rejeitar ninguém, porque temos meios espirituais, ascéticos e intelectuais suficientes para não nos deixarmos estragar: um filho de Deus na Obra não deve deixar-se influenciar pelo ambiente, mas deve ser ele a dar ambiente aos que o rodeiam, o nosso ambiente, o ambiente de Jesus Nosso Senhor, que convivia com os pecadores e Se dava com eles¹⁸.

DISTINÇÃO ENTRE O ERRO E QUEM ERRA. CARIDADE COM OS QUE ESTÃO ENGANADOS

11 As más ideias não costumam ser totalmente más; têm habitualmente uma parte boa, porque, de outra maneira, ninguém as seguiria. Têm quase sempre uma centelha de verdade, que é a sua bandeira de recrutamento; mas essa parte de verdade não é delas: é tomada de Cristo, da Igreja; e, portanto, são essas ideias boas – que estão misturadas com o erro – que devem vir atrás dos cristãos, que possuem a verdade plena; não temos de ser nós a ir atrás delas.

Mas esse critério só é válido do ponto de vista doutrinal; nas relações pessoais, na prática, sois vós que deveis ir atrás dos que estão errados, não para vos deixardes levar pelas suas ideologias, mas para os ganhar para Cristo, para os atrair suave e eficazmente para a luz e para a paz.

Ouvistes-me repetir muitas vezes que a Obra de Deus não é *anti-nada*. É certo que não podemos dizer que o erro é uma coisa boa, mas os que estão equivocados merecem o nosso afeto, a nossa ajuda, o nosso trato leal e sincero: e não agradaríamos a Deus se lho negássemos apenas porque não pensam como nós.

12 Devemos viver, numa palavra, em conversa contínua com os nossos colegas, com os nossos amigos, com todas as almas que se aproximarem de nós. Essa é a santa transigência. Poderíamos certamente chamar-lhe tolerância, mas tolerar parece-me pouco, porque não se trata apenas de admitir, como um mal menor ou inevitável, que os outros pensem de forma diferente ou estejam no erro.

É também uma questão de ceder, de transigir em tudo o que é nosso, no que é opinável, no que, sem tocar no essencial, poderia ser fonte de discrepância. Trata-se, em suma, de limar asperezas, onde puderem ser limadas, para criar uma plataforma de entendimento que proporcione luz aos que estão errados.

Há muitos que clamam por transigência, que gostariam de ceder na moral de Cristo, ou que não teriam qualquer dificuldade em distorcer o dogma, mas que não toleram que se toque no seu dinheiro, no seu conforto, no seu capricho, na sua honra, nas suas opiniões. Talvez não tenham qualquer objeção a que se atente contra os direitos da Igreja, mas saltarão como víboras se alguém pretender interferir naquilo que consideram os seus

direitos pessoais, embora muitas vezes não sejam direitos, mas coisas arbitrárias, confusas e pouco claras.

Outros fazem ao contrário: transformam a sua vida numa cruzada perpétua, numa defesa constante da fé, mas às vezes obstinam-se, esquecendo-se de que a caridade e a prudência deveriam reger esses bons desejos, e tornam-se fanáticos. Apesar das suas boas intenções, o grande serviço que querem prestar à verdade desvirtua-se, e acabam por fazer mais mal do que bem, defendendo talvez a sua opinião, o seu amor-próprio, a sua estreiteza de ideias.

Como o fidalgo de *La Mancha*, veem gigantes onde só há moinhos de vento; tornam-se pessoas mal-humoradas, cáusticas, com um zelo amargo, de modos bruscos, que nunca encontram nada de bom, que veem tudo negro, que têm medo da legítima liberdade dos homens, que não sabem sorrir.

Um jornalista contou-me certa vez as suas tentativas para encontrar o túmulo de César Bórgia, o famoso *condottiero*, odiado por uns e exaltado por outros. O jornalista foi a Viana, em Navarra, porque tinha ouvido dizer que fora enterrado diante da igreja, e, quando explicou ao que ia, alguém lhe disse: «Não se incomode em procurá-lo; esse... desenterrei-o eu e espalhei as suas cinzas numa eira».

Por fim, há pessoas que não atacam a fé, mas que também não a defendem: instalaram-se num ceticismo cómodo e egoísta, que, sob o pretexto de respeitar a opinião dos outros, se refugiam na indecisão e na irresponsabilidade. A sua atitude está bem patente nestes versos, que alguém escreveu a brincar; se os escreveu a sério devemos concluir que percebeu tão mal o Evangelho como os preceitos literários: «Neste mundo

inimigo / não há em quem confiar. / Cada um cuide de si, / eu de mim, tu de ti, / e procure salvar-se»¹⁹.

DAR-SE COM TODA A GENTE. SABER OUVIR. AMIGOS DA LIBERDADE

13 Nós, filhos queridíssimos, devemos dar-nos com toda a gente, não devemos sentir-nos incompatíveis com ninguém. Há muitas razões sobrenaturais que no-lo exigem, e já vos recordei bastantes; agora quero salientar mais uma.

Quando entramos na Obra, não nos afastamos do mundo; no mundo estávamos antes do chamamento de Cristo, e no mundo continuamos depois, sem que os nossos interesses e os nossos gostos, a nossa ocupação profissional, a nossa maneira de ser tenham mudado. Não deveis ser mundanos, mas continuais a ser do mundo, gente da rua, iguais a tantas pessoas que convivem convosco todos os dias no trabalho, no estudo, no escritório, em casa.

Nesse convívio, tendes oportunidade de aproximar as almas de Cristo Jesus, e é lógico que não a eviteis. Mais ainda, é preciso que a procureis, que a fomenteis, porque sois apóstolos, com um apostolado de amizade e de confiança, e não podeis fechar-vos por detrás de um muro que vos isole dos vossos colegas: nem materialmente – porque não somos religiosos –, nem espiritualmente, porque o relacionamento nobre e sincero com todos é o meio humano do vosso trabalho pelas almas.

A vossa conduta com os outros terá, assim, características nascidas da caridade: delicadeza no trato, boa educação, amor pela liberdade alheia, cordialidade, simpatia. O Apóstolo di-lo com tanta clareza: «De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número possível. Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus; com

os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse jeito à Lei – embora não estivesse sob a Lei – para ganhar os que estão sujeitos à Lei; com os que vivem sem a Lei, fiz-me como um sem Lei – embora eu não viva sem a lei de Deus, porque tenho a lei de Cristo – para ganhar os que vivem sem a Lei. Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo»²⁰.

E acrescenta a razão, quando escreve aos Romanos: «Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo. Ora, como hão de invocar Aquele em quem não acreditaram? E como acreditarão n’Aquele de quem não ouviram falar? E como hão de ouvir, sem Alguém que O anuncie?»²¹. Para *pregar* Cristo, meus filhos, não deveis limitar-vos a falar ou a dar bom exemplo; é necessário que também escuteis, que estejais dispostos a ter um diálogo franco e cordial com as almas que quereis aproximar de Deus. Certamente encontrareis muitos que, movidos pela graça, não desejem outra coisa que ouvir a boa nova da vossa boca; mas também eles terão coisas a dizer: dúvidas, perguntas, opiniões que queiram confrontar, dificuldades. Escutai-os, acompanhai-os, convivei com eles para os conhecer e para vos dardes a conhecer.

A Obra de Deus – não o esqueçais – é o que há de mais oposto ao fanatismo, o que há de mais amigo da liberdade. E estamos convencidos de que, para levar a verdade aos outros, o procedimento é rezar, compreender, relacionarmo-nos mutuamente, e depois, fazer pensar e ajudar a estudar as coisas.

CONVIVER COM TODOS. AMIGOS DAS PESSOAS, NÃO DOS SEUS ERROS.
APOSTOLADO UNIVERSAL

14 A vida dos filhos de Deus na sua Obra é apostolado: é daí que nasce o desejo constante de conviver com todos os homens, de vencer todas

as barreiras na caridade de Cristo. É também daí que nasce a sua preocupação de fazer desaparecer qualquer forma de intolerância, de coação e de violência no relacionamento dos homens uns com os outros.

Deus quer ser servido em liberdade e, portanto, não seria correto um apostolado que não respeitasse a liberdade das consciências. Por isso, cada um de vós, meus filhos, deve procurar viver na prática uma caridade sem limites: compreendendo todos, desculpando todos sempre que for caso disso, tendo, sim, um grande zelo pelas almas, mas um zelo amável, sem modos irritados ou gestos bruscos. Não podemos colocar o erro no mesmo plano que a verdade, mas, mantendo sempre a ordem da caridade, devemos acolher com grande compreensão aqueles que estão equivocados.

Costumo insistir sempre, para que esta ideia vos fique bem clara, em que a doutrina da Igreja não é compatível com os erros que vão contra a fé. Mas será que não poderemos ser amigos leais dos que praticarem esses erros? Se formos firmes na conduta e na doutrina, não poderemos unir esforços na mesma direção²² em tantos domínios?

O Senhor quer-nos por todos os caminhos da terra, lançando a semente da compreensão, da caridade e do perdão: *in hoc pulcherrimo caritatis bello*, nesta belíssima guerra de amor, de perdão e de paz.

Não penseis que este espírito é apenas uma coisa boa ou aconselhável. É muito mais, é um mandato imperativo de Cristo, o «*mandatum novum*»²³ de que tanto vos falo, que nos obriga a amar todas as almas, a compreender as circunstâncias dos outros, a perdoar, se nos fizeram alguma coisa que exija perdão. A nossa caridade deve ser tal que cubra todas as deficiências da fraqueza humana, «*veritatem facientes in caritate*»²⁴, tratando com amor quem erra, mas não admitindo cedências em matéria de fé.

15 O Senhor chamou-nos para a sua Obra, para difundirmos a sua mensagem de amor infinito por toda a terra. Não há nem uma só alma que possa ser excluída da nossa caridade. Quando o cristão compreende e vive a catolicidade da Igreja, quando vê a urgência de anunciar a notícia da salvação a todas as criaturas, sabe que tem de «se fazer tudo para todos, para salvar a todos»²⁵.

E o nosso desejo apostólico torna-se efetivamente vida; começa com o que está ao seu alcance, com as tarefas quotidianas comuns, e, pouco a pouco, o seu desejo de semear alarga-se em círculos concêntricos: ao seio da família, no local de trabalho; à sociedade civil, à cátedra da cultura, à assembleia política, a todos os seus concidadãos de qualquer condição social; atinge as relações entre os povos, abrange no seu amor as raças, os continentes, as civilizações mais diversas.

Mas o apóstolo deve começar a fazer o seu trabalho divino naquilo que tem ao seu lado, sem esgotar o seu zelo em fantasias ou em *oxalás*. E é este o conselho que vos dou. Chegará o dia em que podereis pôr em prática os vossos desejos de amor e de apostolado entre as pessoas de toda a terra. Agora, filhas e filhos meus, a Obra está a nascer e estais materialmente reduzidos a âmbitos limitados, mas o espírito é universal e também seremos universais de facto: o nosso empreendimento sobrenatural não conhece fronteiras.

IMITAR JESUS CRISTO. DIÁLOGO DE DEUS COM OS HOMENS

16 Mas, hoje e sempre, devemos estar dispostos a conviver com todos, a dar a todos, através do nosso relacionamento, a possibilidade de se aproximarem de Jesus Cristo. Temos de nos sentir unidos a todos, sem distinções, sem dividir as almas em compartimentos estanques, sem as

rotular, como se fossem mercadorias ou insetos dissecados. Não podemos separar-nos dos outros, porque, caso contrário, a nossa vida tornar-se-ia miserável e egoísta.

«Os cristãos não se distinguem dos outros homens pelo seu lugar de origem, pela sua maneira de falar ou pelo seu modo de vida. São cidadãos como todos os outros»²⁶. Os cristãos – nós, minhas filhas e meus filhos – devem imitar Cristo, ser *alter Christus*, e Jesus Nosso Senhor amou tanto os homens, que encarnou, assumiu a nossa natureza e viveu trinta e três anos na terra, em contacto diário com pobres e ricos, com justos e pecadores, com jovens e velhos, com judeus e gentios. Quereis, então, aprender de Cristo e tomar a sua vida como exemplo? Abramos o Santo Evangelho e escutemos o diálogo de Deus com os homens.

17 Um dia – diz-nos São Lucas no capítulo 11 –, Jesus estava a rezar. Como seria a oração de Jesus! Os discípulos estavam por perto, talvez a contemplá-l’O, e, quando acabou, um deles disse-Lhe: «*Domine, doce nos orare, sicut docuit et Ioannes discipulos suos*»²⁷. Senhor: ensina-nos a orar, como também João ensinou os seus discípulos. Respondeu-lhes Ele: «Quando orardes, dizei: “Pai, santificado seja o teu nome...”»²⁸.

Minhas filhas e meus filhos, reparai nessa maravilha: os discípulos falam com Jesus e, como fruto das suas conversas, o Senhor diz-lhes como hão de orar e ensina-lhes o grande portento da misericórdia divina: que somos filhos de Deus e que podemos dirigir-nos a Ele, como um filho fala ao seu pai.

Dar-se com Deus e dar-se também com os homens: bastarão algumas cenas do Evangelho, entre tantas outras, para que compreendais ainda melhor a profundidade divina do nosso apostolado de amizade e confiança.

18 A primeira narra-nos o encontro de Jesus com Nicodemos. «*Rabi*», – diz aquele homem, um dos principais entre os judeus, – «sabemos que vieste de Deus como mestre, pois ninguém pode realizar estes sinais que Tu realizas, se Deus não estiver com ele»²⁹. Jesus responde-lhe, meus filhos, com uma frase que, aparentemente, não tinha nada a ver com o que Nicodemos tinha dito, mas que lhe chama a atenção e o prende; provoca o diálogo do seu interlocutor: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus»³⁰.

Foi assim que começou a conversa, que já conheceis; e também sabeis o resultado: na hora do *fracasso da cruz*, Nicodemos estará lá, pedindo corajosamente a Pilatos o corpo do Senhor.

Mas, e a mulher samaritana? Não faz Jesus o mesmo, começando a falar com ela, tomando a iniciativa, embora «*non enim coutuntur Iudaei Samaritanis*»³¹, não houvesse relacionamento entre judeus e samaritanos? Jesus fala do que sabe que interessa àquela mulher, da água que ela tem de ir buscar todos os dias, fatigantemente, ao poço de Jacob, de uma água-viva, tão portentosa que «*qui autem biberit ex aqua, quam ego dabo ei, non sitiet in aeternum*»³², quem dela beber nunca mais terá sede.

Os frutos do diálogo de Cristo também aparecem no Evangelho: a conversão daquela pecadora, a transformação da sua alma, que se tornou uma alma apostólica – «*Venite et videte hominem, qui dixit mihi omnia quaecumque feci: numquid ipse est Christus?*»³³ vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz: não será Ele o Cristo? –; e a fé de muitos outros samaritanos, que primeiro «acreditaram n'Ele por causa das palavras da mulher»³⁴, e que depois afirmavam: «já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo»³⁵.

Noutra ocasião, é um jovem rico – de boas famílias, diríamos hoje – que faz uma pergunta ao Senhor: «Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?»³⁶ E Jesus responde-lhe: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos». Disse-lhe ele: «Quais?» Jesus disse: «Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo». Disse-lhe o jovem: «Tudo isso tenho observado. Que me falta ainda?»³⁷.

Aos olhos humanos, meus filhos, era a grande ocasião do compromisso: que mais poderia desejar-se, para que este jovem rico – «*dives erat valde*»³⁸ – e influente se juntasse ao grupo dos seguidores de Cristo? A resposta de Jesus, no entanto, só podia ser uma, pois não é possível fazer concessões na doutrina, mesmo que pareça que *transigindo*, se obterão resultados apostólicos; a resposta do Senhor está cheia de afeto – tanto que, quando o rapaz se foi embora triste, saiu um lamento do coração de Deus –, mas é clara, terminante, sem ambiguidades que escondam a dureza da verdade: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me»³⁹.

Ainda mais um exemplo: aquele que o Senhor nos dá da cruz, como que para nos ensinar que o desejo de almas, que nos leva a dar-nos, a conversar, a dialogar com os homens, deve manifestar-se até à morte. É a conversa emocionante, comovente, que Cristo tem no cimo do Gólgota com os dois ladrões que estão crucificados com Ele.

Desta vez não foi Jesus quem começou a conversa, mas a sua presença no patíbulo e os seus sofrimentos são mais eloquentes do que qualquer palavra. «Não és tu o Messias? Salva-Te a ti mesmo e a nós também»⁴⁰, disse o mau ladrão, blasfemando. E o bom ladrão: «“Nem a Deus temes, tu

que estás sujeito à mesma pena? Para nós é justo, pois recebemos o que as nossas ações mereciam, mas este nada fez de errado”. E disse depois a Jesus: “*Domine, memento mei*”; “Senhor, recorda-te de mim quando fores para o teu reino”»⁴¹. Meus filhos, a breve resposta de Jesus, que intervém na conversa entre os dois malfeitores, foi a salvação para o arrependido: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso»⁴².

O EXEMPLO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

19 Bastam estes poucos exemplos, para que nunca esqueçamos como e com que espírito devemos realizar o nosso trabalho pelas almas. A nossa maior ambição deve ser viver como Cristo Nosso Senhor viveu; como viveram os primeiros fiéis, sem que haja divisão por motivos de raça, de nação, de língua ou de opinião.

Temos também de ensinar a todos os católicos, a todos os homens, o mandamento novo que vos recordei. Parece-me ouvir São Paulo gritar quando diz aos Coríntios: «*Divisus est Christum quid Paulus crucifixus est pro vobis? aut in nomine Pauli baptizati estis?*»⁴³ Estará Cristo dividido? Porventura foi Paulo quem foi crucificado por vós, ou foi em seu nome que fostes batizados, para andardes a dizer: «Eu sou de Paulo, eu de Apolo, eu de Cefas, e eu de Cristo?»⁴⁴.

Sermos todos filhos de Deus, termos sido todos redimidos por Cristo é a razão mais profunda da unidade entre os homens, e não são precisos outros títulos. Não se acrescentam qualificativos ao ouro e à prata em estado puro: quando a prata é prata e o ouro é ouro, chamam-se simplesmente assim. Se a seguir se coloca um qualificativo – um adjetivo, às vezes –, é porque não é bom metal: é uma imitação barata.

RELACIONAMENTO COM QUEM ESTÁ NO ERRO. CONHECER AS SUAS RAZÕES

20 Dentro da ordem da caridade – insisto –, trataremos com afeto aqueles que, por ignorância, por orgulho ou pela incompreensão de outros, estão perto do erro ou nele caíram. Se as pessoas se equivocam, minhas filhas e meus filhos, nem sempre é por má vontade: há ocasiões em que erram porque não têm meios de averiguar a verdade por si próprios; ou porque lhes é mais cómodo – e temos de os desculpar – repetir insensatamente o que acabam de ouvir ou de ler, fazendo assim eco de falsidades.

É necessário conhecer as razões que possam ter. Não é agradável a Deus julgar sem ouvir o acusado, às vezes nas sombras do segredo e, não raro, dada a triste debilidade humana, com testemunhas e acusadores que se servem do anonimato para caluniar ou difamar.

Faltaria à verdade, meus filhos, se vos dissesse que este conselho que vos dou vem apenas da experiência alheia: experimentei-o na minha própria carne, mas – pela graça de Deus – posso também dizer que, desde então, amo mais a Igreja, precisamente porque há eclesiásticos que condenam sem ouvir.

21 Estais lembrados das cenas narradas no Evangelho sobre a pregação de João Batista? Formou-se um grande burburinho! Será o Cristo, será Elias, será um Profeta? Era tal o falatório que «as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para Lhe perguntarem: “Tu quem és?”»⁴⁵.

Além disso, com olhos pouco sobrenaturais, poderia parecer que João está a perder uma oportunidade de fazer prosélitos. Ele podia até ter respondido com o testemunho que Jesus haveria de dar a seu respeito: «*Ipse*

est Elias, qui venturus est. Qui habet aures audiendi audiat»⁴⁶; ele é o Elias que está prestes a vir. Quem tem ouvidos para entender, entenda.

Mas aqueles que vieram perguntar a João não eram capazes de compreender bem essas palavras, ele confessou e não negou: «Eu sou a voz do que clama no deserto»⁴⁷. E foi realmente no deserto que as suas palavras caíram, porque aqueles que pareciam desejar a verdade não a ouviram.

O mesmo tinha acontecido quando Jesus começou a sua vida pública: rumores, surpresa, medo, ciúmes... A sua fama – diz o Evangelho – espalhou-se na Judeia inteira e por toda a região⁴⁸. Os boatos chegaram aos ouvidos dos que seguiam o Batista, e «os discípulos de João informaram-no de todos estes factos. Chamando dois deles, João mandou-os ao Senhor, com esta mensagem: “És Tu o que está para vir ou devemos esperar outro?”»⁴⁹.

Que bonito é o comportamento de João Batista! Tão limpo, tão nobre, tão desinteressado! Preparava verdadeiramente os caminhos do Senhor: os seus discípulos conheciam Cristo apenas pelo que tinham ouvido dizer, e ele levou-os a dialogar com o Mestre; fez com que O vissem e estivessem com Ele; deu-lhes oportunidade de admirarem os prodígios que operava: «Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a boa nova aos pobres é anunciada aos pobres»⁵⁰.

Meus filhos, tal como João, devemos ter sempre a fortaleza de nos informarmos antes de darmos a nossa opinião; e temos de ensinar a todos a fazerem o mesmo, sem se deixarem levar pelas aparências de mexericos ou de boatos. Dizer que uma pessoa é honesta e de conduta irrepreensível, mesmo que seja verdade, infelizmente não é notícia, não chama a atenção; ao passo que atribuir-lhe todo o tipo de maquiavelismos ou de artimanhas,

mesmo que não sejam verdade, é atrativo e espalha-se, pelo menos como hipótese ou como rumor.

DIÁLOGO COM QUEM NÃO CONHECE A NOSSA RELIGIÃO E COM QUEM SE AFASTOU
DA FÉ CATÓLICA

22 Sede compreensivos, mesmo com quem parece não ser capaz de compreender o seu próximo, e o julga precipitadamente. O vosso afeto e o vosso exemplo, cheios de retidão, serão o seu melhor estímulo, ao verem que lutais e venceis, com a graça de Deus, as más inclinações, a tendência para o erro que todos temos.

Tanto faz que sejam almas afastadas do Senhor ou que seja a incompreensão dos *bons*. Os seus preconceitos nascem precisamente da falta de relacionamento direto, da ausência de um diálogo franco, que os ajude a compreender o que não *entendem*. Não seremos nós a recusar esse diálogo e, se eles recusarem, não lhes guardeis rancor, porque a sua incompreensão nos santifica. O doente sensato não guarda rancor ao bisturi que o médico utilizou para o curar.

Também deveis ter afeto, e trato sincero e nobre com quem não conhece a nossa religião e quem se afastou da fé católica. Admiti-los-emos sempre junto de nós e – sem ceder na doutrina, porque não é nossa – transigiremos com as pessoas, convidá-las-emos a trabalhar lado a lado connosco, no âmago dos nossos trabalhos; colocá-las-emos no centro do que mais amamos na terra, dar-lhes-emos a grande oportunidade de se tornarem a mão e o braço de Deus, para fazerem a sua Obra no mundo.

23 Vereis como essa vossa conduta os aproximará da fé, que nunca tiveram ou que perderam, tantas vezes sem demasiada culpa da sua parte. Quando isso acontecer, o vosso afeto terá de ser redobrado; tereis de

continuar a caminhar juntos pela vida, dialogando como amigos sinceros, adivinhando as suas possíveis dificuldades, para os firmar no bom caminho; reforçando cientificamente a vossa fé, porque é estéril – é contraproducente – qualquer tentativa de diálogo sobre estes assuntos, sem doutrina e sem dom de línguas.

Esta é mais uma razão para sentirdes a urgência de uma formação sólida, contínua, profunda, bem fundamentada em princípios seguros. Com essa preparação, não tereis medo de conviver com quem está no erro. Como me entristece ouvir dizer às vezes, em referência a pessoas que abraçaram a nossa fé depois de terem passado anos, talvez uma vida inteira, sem conhecer a luz: «Cuidado, é um convertido!»

Devemos ter o cuidado de os amar mais, sem desconfianças, com alegria, pois «haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão»⁵¹. Mas também devemos ter o cuidado de não trair os seus desejos de estar com Cristo, de não lhes dar como bom o que o não é; para que não se desviem do bom caminho que começaram a percorrer pela sua insegurança – são como crianças recém-nascidas para a fé – ou pelos seus ímpetos fogosos.

NÃO SER CONTRA NINGUÉM. COMPREENSÃO COM TODOS. SABER PERDOAR

24 A nossa caridade não se esgota aqui: também devemos conviver com os que se opõem a Cristo, porque – caso contrário – não lhes poderemos fazer o bem de O dar a conhecer. Não vos deixeis, porém, seduzir por falsas táticas de apostolado, porque encontrareis pessoas obstinadas, mesmo pelo bom desejo de ganhar almas, que – com a desculpa de irem à procura da ovelha perdida – acabarão por cair nas areias

movediças do erro que querem combater, enganadas por compromissos, cedências ou transigências imprudentes.

Queremos fazer o bem a todos: aos que amam Jesus Cristo e aos que talvez O odeiem. Mas, além disso, temos muita pena destes: por isso, devemos procurar tratá-los com afeto, ajudá-los a encontrar a fé, afogar o mal – repito – em abundância de bem. Não devemos ver ninguém como inimigo: se lutam contra a Igreja por má-fé, a nossa conduta humana reta, firme e amável, será o único meio para que, com a graça de Deus, descubram a verdade ou, pelo menos, a respeitem.

Se os seus ataques nascerem da ignorância, a nossa doutrina – confirmada pelo exemplo – poderá fazer-lhes cair o véu dos olhos. Defenderemos sempre os direitos santos da Igreja, mas procuraremos fazê-lo sem ferir, sem humilhar, procurando não suscitar suspicácias nem ressentimentos.

Contra quem estamos? Contra ninguém. Não posso amar o demónio, mas a todos os que não forem o demónio – por muito maus que sejam ou pareçam ser –, quero-lhes bem. Não me sinto, nem nunca me senti, contrário a ninguém; rejeito as ideias que vão contra a fé ou a moral de Jesus Cristo, mas, ao mesmo tempo, tenho o dever de acolher, com a caridade de Cristo, todos os que as professarem.

Muitas vezes, esses erros resultam de uma formação errada. Em muitos casos, essas pobres almas não terão tido ninguém que lhes ensinasse a verdade. Por isso, penso que, no dia do Juízo, serão muitas as almas que responderão a Deus, como respondeu o parálítico da piscina – «*hominem non habeo*»⁵², não houve ninguém que ajudasse – ou, como aqueles trabalhadores sem trabalho responderam à pergunta do dono da vinha: «*Nemo nos conduxit*»⁵³, ninguém nos contratou.

Mesmo que os seus erros sejam culpáveis e a sua perseverança no mal seja consciente, há no fundo dessas almas infelizes uma ignorância profunda, que só Deus poderá medir. Ouvi o grito de Jesus na cruz, desculpando os que o matavam: «*Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt*»⁵⁴, Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Sigamos o exemplo de Jesus Cristo, não rejeitemos ninguém: para salvar uma só alma, temos de ir até às portas do inferno. Mais além, não, porque mais além não se pode amar a Deus.

ESPÍRITO UNIVERSAL

25 Este é o nosso espírito, e demonstrá-lo-emos sempre abrindo as portas das nossas casas a pessoas de todas as ideologias e condições sociais, sem qualquer distinção, com o coração e os braços prontos a acolher toda a gente. Não temos a missão de julgar, mas o dever de tratar fraternalmente todas as pessoas.

Não há nenhuma alma que excluamos da nossa amizade, e ninguém deve aproximar-se da Obra de Deus e sair de mãos vazias: todos devem sentir-se amados, compreendidos, tratados com afeto. Eu também amo o último pobrezito que está neste momento no canto mais escondido do mundo a fazer o mal e, com a graça de Deus, daria a minha vida para salvar a sua alma.

Com o espírito lúcido, com a formação que recebeis, sabereis, em cada caso, o que é essencial, aquilo em que não se pode ceder. E também estareis em condições de discernir essas coisas que alguns consideram imutáveis, quando são apenas produto de uma época ou de certos costumes: e esse discernimento facilitar-vos-á a disposição para ceder. E cedereis também –

quando estiverem em jogo as almas – naquilo que é ainda mais opinável, que é quase tudo.

Insisto, porém, em que não vos deixeis enganar por falsas paixões. Muitos, que parecem movidos pelo desejo de comunicar a verdade, cedem em coisas intocáveis e chamam compreensão com os equivocados ao que não passa de uma crítica negativa, às vezes brutal e impiedosa, à doutrina da nossa Mãe, a Igreja. Não deixeis também de os compreender, mas ao mesmo tempo defendei a verdade, com calma, com moderação, com firmeza, mesmo que, quando o fizerdes, haja quem vos *acuse* de fazer apologias.

26 Dessa vossa atitude nascerão frutos, humanos e sobrenaturais, maravilhosos. A Obra de Deus é um grande instrumento para tornar feliz a humanidade, se formos fiéis: e seremos fiéis porque «fiel é o Senhor que vos confirmará e vos protegerá do mal»⁵⁵.

Vejo a Obra projetada nos séculos, sempre jovem, distinta, bela e fecunda, defendendo a paz de Cristo, para que todo o mundo a possua. Contribuiremos para que os direitos da pessoa humana, da família, da Igreja sejam reconhecidos na sociedade. O nosso trabalho fará com que diminuam os ódios fraticidas e as suspicácias entre os povos, e as minhas filhas e os meus filhos – «*fortes in fide*»⁵⁶, firmes na fé – saberão ungir todas as feridas com a caridade de Cristo, que é bálsamo suavíssimo.

Não vos alegra que o Senhor tenha querido para o nosso empreendimento sobrenatural este espírito, que palpita no Evangelho, mas que parece estar tão esquecido no mundo? Agradecei-o a Jesus, agradecei-o a Santa Maria; e renovai os vossos desejos de corredenção e de apostolado. Que grande labor nos espera! Porque Aquele que começou a Obra em nós há de levá-la a bom termo⁵⁷.

Que o Senhor me guarde estes meus filhos.

Madrid, 16 de julho de 1933

[Voltar ao índice](#)

NOTAS:

[1] Jo 15, 15.

[2] cf. Jr 29, 11. 1.

[3] São Cipriano de Cartago, *De bono patientiæ*, 15 (CSEL 8, pp. 407-408).

[4] Lc 19, 5.

[5] 1Tm 2, 4.

[6] cf. 2Cor 5, 14.

[7] 1Cor 16, 24.

[8] Gl 5, 1.

[9] 1Cro 29, 17.

[10] Lc 8, 5.

[11] cf. At 1, 1.

[12] Gl 6, 15: «in Christo... nova creatura»: «pois nem a circuncisão vale alguma coisa nem a incircuncisão, mas sim uma nova criação» (N.T.).

[13] cf. Lc 9, 54.

[14] Lc 9, 56 (Vg).

[15] Sl 11, 6.

[16] 1Pd 5, 9.

[17] Heb 5, 2.

[18] cf. Lc 15, 2.

[19] Fulgencio Afán de Ribera, La virtud al uso y mística à la moda, destierro de la hipocresía en frase de eshortacion à ella, embolismo moral (1729), Madrid, Ibarra, 1820, p. 56-57 (N. do E.).

[20] 1Cor 9, 19-22.

[21] Rm 10,13-14.

[22] No original: tirar con ellos del mismo carro (N.T.)

[23] Jo 13, 34.

[24] cf. Ef 4, 15.

[25] 1Cor 9, 22.

[26] Ad Diognetum, 5, 1.5 (SC 33, p. 63).

[27] Lc 11, 1.

[28] Lc 11, 2.

[29] Jo 3, 2.

[30] Jo 3, 3.

[31] Jo 4, 9.

[32] Jo 4, 14.

[33] Jo 4, 29.

[34] Jo 4, 39.

[35] Jo 4, 42.

[36] Lc 18, 18.

[37] Mt 19, 17-20.

[38] Lc 18, 23.

[39] Lc 18, 22.

[40] Lc 23, 39.

[41] Lc 23, 40-42.

[42] Lc 23, 43.

[43] 1Cor 1, 13.

[44] 1Cor 1, 12.

[45] Jo 1, 19.

[46] Mt 11, 14-15.

[47] Jo 1, 20.23.

[48] Lc 7, 17.

[49] Lc 7, 18-19.

[50] Lc 7, 22.

[51] Lc 15, 7.

[52] Jo 5, 7.

[53] Mt 20, 7.

[54] Lc 23, 34.

[55] 2Ts 3, 3.

[56] 1Pd 5, 9.

[57] cf. Flp 1, 6.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2026

www.opusdei.pt

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos